

“Brasília é como uma canção francesa”

Correio Braziliense — O que o senhor acha desse concurso?

Lúcio Costa — Não tem o menor cabimento. É falta de ter o que fazer.

Correio — O senhor pretende tomar alguma medida jurídica contra o concurso?

Lúcio Costa — Não. Não estou mais aqui. Estou muito idoso, com mais de 90, de modo que não estou mais acompanhando essas coisas.

Correio — Como o senhor concebeu Brasília?

Lúcio Costa — Foi numa viagem de volta dos EUA. Estava próximo da data de entrega do projeto. Desenvolvi alguma coisa e quando cheguei, apresentei no último dia. A idéia era a de dois eixos que se cruzam, mas não havia nada de religioso embutido aí.

Correio — Alguns dizem que Brasília é uma cidade repressora. O que o senhor acha disso?

Lúcio Costa — Isso é uma bobagem. Só pode ser coisa de alguns poucos

brasileiros turistas que não conhecem seu país.

Correio — O senhor está lançando uma autobiografia. O livro vai representar bem toda a sua obra?

Lúcio Costa — Isso os outros é que dirão. Ele é apenas um gesto natural de alguém que já está no fim da existência. Eu mesmo resolvi fazer para evitar que depois escrevessem coisas erradas sobre o meu trabalho.

Correio — No livro, o senhor diz que não é nem socialista nem capitalista. Mas não há uma idéia socialista por trás de Brasília?

Lúcio Costa — É uma idéia humanista abrangente e não tem um sentido político de socialismo. Brasília é uma cidade nova. Eu quis criar uma cidade refinada para ser a capital de um grande país como o Brasil.

Correio — O senhor também diz no livro que na década de 30 sentiu a contradição entre a arquitetura acadêmica e a nova tecnologia de

construção. Como se deu isso?

Lúcio Costa — Na arquitetura acadêmica, tradicional do século passado, as paredes sustentavam as casas. Com o surgimento do concreto, elas não precisavam mais das paredes. Podiam ser substituídas por vidros, pilotes.

Correio — Foi a descoberta do moderno?

Lúcio Costa — Todas as épocas são modernas enquanto estão sendo vividas. De modo que essa coisa de modernismo é muito relativa. Mas dizer que o moderno é contra o passado é hoje parte dessa nova revolução.

Correio — Como o senhor vê algumas críticas que fazem a Brasília, como a de que não tem esquinas e tem pouco espaço para o pedestre?

Lúcio Costa — Essas pessoas que fazem essas críticas deviam começar reformulando as próprias cabeças antes de ficar pensando na reformulação de Brasília. Brasília tem muito espaço e cada entrada de área de vizinhança, composta por quatro quadras, tem

uma esquina. Não é uma esquina tradicional como as que se imaginava.

Correio — O senhor disse que Brasília ainda não foi concluída. O que falta?

Lúcio Costa — Brasília tem pouca idade e faltam séculos que virão pela frente.

Correio — O que o senhor acha que poderá vir nesses séculos?

Lúcio Costa — Isso não é mais da minha alçada, não tenho mais preocupação.

Correio — E em Brasília?

Lúcio Costa — Acho que as áreas não edificantes, as áreas livres, deveriam ser mais arborizadas.

Correio — A cidade precisa de alguma mudança?

Lúcio Costa — Brasília é como uma canção francesa antiga chamada *Je suis comme je suis* — ou ‘eu sou como eu sou’. Brasília é como ela é. Quem não gostar que se dane.